

# LÍNGUA MATERNA EMANCIPATÓRIA E PROTAGONISMO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) : UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

Liliane Santos Rosa<sup>1</sup>

*Resumo:* Trata-se de uma descrição panorâmica da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado em Crítica Cultural e tem o intuito de investigar acerca da política de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na Educação de Jovens e Adultos, analisando os principais aspectos que ensejam o desenvolvimento sociocultural do sujeito, como fator de emancipação e de inclusão dos jovens, adultos e idosos no município de Mata de São João (BA). Desse modo, sob uma perspectiva crítico-reflexiva, aborda-se a temática do letramento, tendo o discente da EJA como protagonista da sua história, com suas características próprias e capazes de construir e difundir conhecimentos. O presente trabalho desenvolve-se metodologicamente a partir de uma abordagem qualitativa, pesquisa com inspiração etnográfica, com os seguintes instrumentos para análise de dados: oficinas de letramento, entrevistas com os discentes da EJA numa escola do município supracitado. Para tanto, contaremos com um referencial teórico ao longo deste estudo, a saber: Freire (2006), Adorno (1995), Agamben (1978), Soares (2009), Kleiman (2005), documentos legais como: Constituição Federal (1988), Lei das Diretrizes e Bases da

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa 02: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carla Meira Pires de Carvalho. Endereço eletrônico: lya.girl@hotmail.com

Educação (1996), Cruz (2012), Deleuze (2005), Ribeiro (2017).

## **INTRODUÇÃO**

Os estudos referentes à Educação de Jovens e Adultos - EJA têm se alargado nos últimos tempos, principalmente no que tange à questão do letramento e alfabetização. Apesar do crescente debate em torno da temática, o que se percebe é uma tentativa ou até mesmo um desmonte da EJA, principalmente após o advento da pandemia de Covid- 19.

O que fazer diante desse cenário discriminatório e nocivo para a nossa geração de pessoas jovens, adultas e idosas? Será que vamos permitir que anos de luta pelos direitos dessas populações sejam perdidos no tempo? Ou vamos alavancar a ideia e, conseqüentemente, a bandeira da EJA, em torno da busca incessante de meios para coibir práticas ilícitas do poder público, que por vezes, concebem essa modalidade de ensino como apenas número, que não acrescenta ao IDEB e os valores a receber da escola? É momento de reflexão para todos, todas e todes.

Seguindo o objetivo proposto no presente trabalho, percebe-se o quanto existe a necessidade de se abordar na EJA, situações do cotidiano dos estudantes em suas aulas, com vistas às questões de ordem sociocultural e linguística do sujeito, emergindo como fator de emancipação e de inclusão dos jovens, adultos e idosos, sob uma perspectiva crítico-reflexiva, sob uma perspectiva crítica do letramento, enfocando a historicidade dos educandos da EJA, em virtude de que eles são os protagonistas da sua história e também desta pesquisa, tendo como elemento norteador a experiência de pessoas jovens, adultas e idosas, conforme a perspectiva de Agamben (1978), em sua obra *Infância e História*.

Em combate ao cenário desolador de negação de direitos à educação, previsto na nossa Carta Magna (1988) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), nas classes de EJA, há sujeitos críticos da sua realidade, que se contrapõem ao pensamento estagnado do poder hegemônico, haja vista que o público jovem, adulto e idoso na contemporaneidade, vislumbra sua mudança social e econômica e se revela ávido pela busca constantes de conhecimento. É possível ouvir comentários de estudantes deste segmento que anseiam pela consecução de um curso universitário, seja na área de saúde, educação, artes, dentre outros.

Desse modo, a discussão acerca da EJA é extremamente necessária e urgente, uma vez que precisamos melhorar as políticas públicas voltadas para este público ou até mesmo criá-las, além da reorganização do currículo escolar, no sentido de favorecer o ensino-aprendizagem, formação continuada para professor atuante na EJA e a procura de estratégias para diminuir a evasão escolar. Isso posto, para que a Educação de jovens, adultos e idosos seja realmente alicerçada na emancipação, no protagonismo e na efetivação de direitos para esses sujeitos tão importantes no que diz respeito ao desenvolvimento do nosso país.

## **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E EMANCIPAÇÃO: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL**

Quando falamos em emancipação, nos referimos ao teor crítico, conforme enfatiza Adorno, à questão libertadora e humanizada, conforme a vertente freiriana. Remete-se, portanto, à educação imbricada nos valores libertários, favorecedores da fomentação de diálogos permanentes dos sujeitos de direitos e sua grandiosa experiência adquirida durante seu percurso de vida.

Emancipação tem tudo a ver com independência, democracia, autonomia, atitudes, protagonismo.

É nesta perspectiva, que Paulo Freire leciona que: “Para a educação problematizadora, enquanto um que fazer humanista e libertador, o importante está, em que os homens submetidos à dominação, lutem por sua emancipação” (FREIRE, 1987, p.49) Tanto Freire quanto Adorno concebem o fenômeno da emancipação como primordial na formação e critério libertário do sujeito. Theodor Adorno chega até mesmo a asseverar que sem emancipação é impossível o indivíduo ser esclarecido:

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado ‘Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?’. Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. (ADORNO, 1995, p. 168)

Considero louváveis, as ideias concebidas por Adorno no fragmento acima, mas a grande indagação é: como realizar um trabalho voltado para a emancipação desses estudantes de EJA de forma a alavancar a sua participação política, social e cultural em sua comunidade? É apenas o professor o responsável por essas abordagens? Qual o lugar do poder público no que tange às responsabilidades de políticas e sua efetivação para as classes EJA?

Tais perguntas carecem de respostas, todavia, acredito que muitas delas serão indeterminadas e com uma carga exorbitante de incertezas. Infelizmente, a população da EJA faz parte de um público subalternizado, vulnerável, colocado em um entrelugar de silenciamento. Porém, atualmente, já há um entremeio de lutas

por direitos, principalmente pela qualidade de educação oferecida nessa modalidade de ensino.

Em se tratando de EJA, acreditamos que o simples desejo de aprender, de cursar um ensino noturno, depois de uma árdua jornada de trabalho tanto em casa quanto fora dela, já é um ato de resistência, de coragem, de autonomia, de liberdade. Até porque os discentes dessa modalidade procuram romper as barreiras do tempo, dos preconceitos de todos os tipos que os rodeiam.

Ainda pautando-se no real sentido de emancipar, Cláudia Regina de Paula e Márcia Cristina de Oliveira apontam: Pensar, propor e realizar uma educação voltada a jovens e adultos nesse cenário é mais que um desafio: é assumir a responsabilidade histórica de continuar para a consolidação de um legado construído na diversidade dos movimentos que lutaram e lutam pela democracia no nosso país. (PAULA;OLIVEIRA, 2011, p. 10).

Nesse diapasão, bell hooks sinaliza que “A educação como prática liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”(HOOKS, 2013, p.25). Entende-se, portanto, que o contexto da EJA não comporta a ideia de transmissão de meros conhecimentos apenas por parte do professor, mas um movimento múltiplo e rizomático embutido na concepção de Félix Guattari e Gilles Deleuze, abalizado nas diversas formas de conhecimentos dialógicos, contribuindo para a melhoria das relações interculturais.

## **POR UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA EM LÍNGUA MATERNA NA EJA: ASPECTOS METODOLÓGICOS**

O ensino de Língua Portuguesa sempre foi considerado como algo díspar e distante da realidade dos/das estudantes. Em

se tratando da Educação de Jovens e Adultos tal situação se torna ainda mais alarmante, haja vista que os conteúdos abordados são geralmente divergentes em relação ao cotidiano do jovem, do adulto e do idoso. É comum a dicção da disciplina de Língua Materna caracterizada como chata, sem significação prática para os educandos, além de um emaranhado de regras gramaticais complicadas de se aprender.

É preciso atentarmos para o ensino de linguagem, concebendo os educandos como indivíduos cognoscentes, agentes de transformação na sociedade onde estão inseridos e sua interação com o mundo letrado. Entendendo que todos os estudantes possuem um conhecimento linguístico, e interpretam os acontecimentos sociais e culturais, principalmente na contemporaneidade permeada pelas redes sociais. Talvez o conhecimento da gramática normativa ou do conhecimento científico não sejam tão evidentes, porém todos têm contato com o letramento ou eventos de letramento.

Nesse contexto, BRASIL (2002), traz a seguinte contribuição:

A necessidade do uso da linguagem se manifesta em uma série de circunstâncias: da leitura de placas à de jornais, textos científicos, poemas e romances; da comunicação monitorada de pensamentos próprios e alheios, por escrito ou oralmente, a situações mais informais. Daí a importância de um curso que permita ao aluno da EJA ter uma experiência ativa na elaboração de textos, um curso que discuta o papel da linguagem verbal, tanto no plano do conteúdo como no plano da expressão (BRASIL, 2002, p. 12).

Em continuidade ao discurso, percebe-se a ambiência da relevância da educação emancipatória e promotora da paz, tolerância e respeito, fatores imprescindíveis da luta desarmada pelo combate à exclusão dos povos vulneráveis e pela justiça social;

O estudo da língua se faz necessário para evitar essa experiência de exclusão: construindo leituras do mundo, criando possibilidades de descobertas pessoais que favoreçam o autoconhecimento e indiquem o lugar da palavra em sua subjetividade. Assim, o curso de Língua Portuguesa para alunos da EJA deve, em primeiro lugar, servir para reduzir a distância entre estudante e palavra, procurando anular experiências traumáticas com os processos de aprendizagem da leitura e da produção de textos. (BRASIL, 2002, p.12)

Portanto, apoio-me na pesquisa qualitativa, já que o presente estudo está voltado para área de ciências humanas, além da linguística, por entender que análise de dados vai além da quantificação, por envolver sujeitos pensantes e agentes de seu desenvolvimento de aprendizagens.

O presente estudo está alicerçado na abordagem exploratória e com inspiração etnográfica. No que tange ao uso etnográfico, justifico a escolha por combinar com vários métodos de coleta, e conforme preconiza Ludtke & André a etnografia, “como ciência da descrição cultural”, envolve pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação de dados” (LÜDTKE; ANDRÉ, 2022, p. 16)

Como instrumentos de coleta de dados, ainda estão sendo utilizadas oficinas de letramento e entrevista com os discentes. Nas entrevistas haverá uma pincelada autobiográfica, pois os educandos da EJA contarão suas histórias de vida.

Os sujeitos participantes da pesquisa em tela são estudantes da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Municipal Monsenhor Barbosa, localizada no município de Mata de São João (BA). Esses estudantes são pessoas pertencentes à camada social em vulnerabilidade socioeconômica, donas de casa, mães, trabalhadores da construção civil, de fábricas, hotéis e pousadas,

em sua maioria afrodescendentes. Apesar da vida difícil que passam, esses homens e mulheres são guerreiros natos e procuram sempre reagir à realidade penosa que tentam impor sobre eles.

No momento, iremos nos ater às oficinas realizadas no primeiro semestre deste ano. A oficina ocorreu com a participação ativa dos estudantes, que se mostraram interessados na dinâmica de atividades propostas. O objetivo geral consistiu em oportunizar aos educandos da Educação de Jovens e Adultos da rede pública de Mata de São João (BA) a sua inserção na cultura letrada, despertando o interesse destes no que tange às práticas de letramento, tendo como meio disseminador de conhecimentos a sua realidade social, histórica e cultural, de forma a contribuir na formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Enquanto que os objetivos específicos foram: valorizar os saberes e aprendizados dos jovens, adultos e idosos nas práticas que alteram sua vida cotidiana, garantindo um novo saber social; utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo; estabelecer relações entre a vida cotidiana do presente na EJA e os textos e vídeos selecionados; promover a relativa melhoria da qualidade da Educação de Jovens e Adultos na ambiência da prática pedagógica de língua materna de forma mais atrativa e emancipadora.

Como observações relevantes, notou-se que os educandos ficaram bastante empolgados no que tange ao desenvolvimento das atividades e oficinas, participaram de todas as atividades, inclusive com perguntas e comentários pertinentes e bem embasados. Convém demonstrar a partir da memória imagética para termos a dimensão do trabalho promovido pela mestrandia

Liliane Rosa, professora atuante da EJA , no Fundamental I e II da rede pública de ensino.

As imagens bricoladas abaixo referem-se à palestra com a temática do meio ambiente, desenvolvida em junho do corrente ano, que denomino como Círculo de Cultura (metodicamente criado por Paulo Freire) e adaptado para nossas rodas de conversa, conforme projeto interventivo.

Imagem 1- Palestra sobre Meio Ambiente

Palestrante : Eterivaldo Rosa (técnico em meio ambiente)



As imagens posteriores demonstram cenas de relances ocorridas numa visita ao Supermercado localizado na cidade matense. A atividade produzida externamente à escola

proporcionou aos discentes do fundamental I, momentos de pesquisa de preços, estabelecendo quadros comparativos, no intuito de economizar num momento de crise pós-pandemia. Os alunos, ao analisarem preços de produtos alimentícios, higiênicos e de outras utilidades, fizeram a prática de letramento, não só referente à língua portuguesa, mas também o que denominamos “Letramento Matemático”, remetendo-se de forma lúdica à aprendizagem significativa.

Sendo assim, Soares(2009) tece comentários relevantes no que tange ao vocábulo “Letramento”:

É esse, pois, o sentido que tem **letramento**, palavra que criamos traduzindo "ao pé da letra" o inglês *literacy*: **letra-**, do latim *littera*, e o sufixo **-mento**, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita ( SOARES,2009, p.18 ).

Percebe-se o quanto a escrita da professora possui uma interligação com a proposta da oficina, pois se baseia no processo social da escrita, corroborando para uma prática educativa atuante em todos os segmentos, especificamente na EJA que é a temática discutida, em que existe uma interação entre docente e discentes.

Imagem 2- Visita ao Supermercado da Paquera ( Mata de São João - BA)



A atividade proposta se coaduna com o pensamento de Kleiman (2005) acerca das reflexões sobre letramento, quando esta autora conceitua: “Letramento” é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana” (KLEIMAN, 2005, p. 6) Há de se remeter à aquisição de conhecimento que vai além da visão tradicional de ensino-aprendizagem, em contraposição à educação bancária (termo cunhado por Paulo Freire), em que o professor apenas deposita conhecimentos e o estudante recebe, de forma acrítica. É momento de repensar a Educação de Jovens e Adultos, na qual os educandos tenham vez e voz, em diálogo com Djamila Ribeiro em seu livro "O que é lugar de fala?". Afinal, estes sujeitos têm muito a dizer e colaborar com seu próprio processo de aprendizagem, visto que são protagonistas da sua própria história.

Deduz-se que a proposta utilizada nas oficinas pedagógicas no município de Mata de São João abre um espaço para

fomentação de metodologias mais atrativas e significativas para os estudantes de EJA, no sentido de propiciar mudanças efetivas no desenvolvimento da prática pedagógica, reverberando numa educação de maior qualidade, indivíduos mais atuantes no mundo real e a melhoria na sua formação para vida profissional, estudantil e até mesmo pessoal. O que propomos é uma interação entre os educandos, gestores escolares e educadores numa perspectiva emancipatória, democrática e libertadora. É público e notório que juntos alcançamos resultados mais imediatos e plausíveis para esta modalidade de ensino, tão discriminada e esquecida pelo poder público. Todavia, como educadores, não podemos perder de vista a esperança no que tange ao avanço das políticas públicas e efetivação de direitos das pessoas adolescentes, jovens, adultas, idosas que adentram os muros das nossas escolas.

## CONCLUSÃO

Quando nos referimos ao fazer pedagógico em Língua Materna e às práticas sociais da leitura, escrita e de práxis nos remetemos ao letramento. Desse modo, a inserção de materiais concretos e oriundos da realidade do estudante facilitará esse processo de aquisição de conhecimentos, não só concernente à disciplina isoladamente, mas também no âmbito interdisciplinar. Ademais, os letramentos são múltiplos e não unívocos.

Precisamos ficar atentos (as) concernente às questões inclusivas, o que implica em perpassar por etnia, sexo, idade, dentre outros aspectos que os jovens, adultos e idosos perpassam na atualidade. Afinal, o ensino na EJA e em outros níveis devem renegar quaisquer formas discriminatórias e preconceituosas. Educar para a emancipação perpassa pelo respeito às diferenças em todos os sentidos.

No que tange à população afrodescendente sabe-se que a maioria dos estudantes de EJA são negros ou pardos, remetendo-se ao passado histórico demonstrado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, visto que as aulas à noite eram destinadas ao povo negro, caso os professores quisessem ministrar.

O Brasil, Colônia, Império e República, teve historicamente, no aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente brasileira até hoje. O Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. O Decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares (Brasil, 2015, p.8).

Mesmo com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que possui como preceito a dignidade da pessoa humana, cidadania, efetividade de direitos, a população negra ainda sofre os prejuízos e consequências decorrentes dos tempos da escravização, principalmente no que diz respeito ao acesso e permanência dessas populações nas instituições escolares, conforme sinalizam as diretrizes supracitadas. Todavia, a prática pedagógica adequada pode proporcionar ao sujeito o resgate da sua identidade e da sua história, desenvolvendo maneiras eficazes de vencer as barreiras do preconceito racial. Uma das saídas para isso, é, sem dúvidas, o caminho da educação emancipadora, inclusiva e de qualidade. Isto está imbrincado com a ideia de protagonismo proposto no presente trabalho.

Por fim, é urgente o investimento no ensino-aprendizagem emancipatório e que tenha como base o desenvolvimento do protagonismo do educando enquanto agente de transformação social, cultural e econômico na comunidade onde vive, exercitando a tolerância e o respeito às diferenças, bem como promoção da igualdade social desses sujeitos. É preciso, portanto, inserir em aulas de Língua Portuguesa, a prática do letramento, da literacia (termo elaborado pelo mestre Paulo Freire), indo além da simples decodificação de letras ou palavras., conforme preconiza a professora Fátima Berenice da Cruz, em sua obra *“Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor”*, em que há um capítulo dedicado à EJA. Diante do exposto, necessita-se de um ensino libertário e libertador para que as classes de EJA visualizem, pratiquem e revivam o seu cotidiano no chão da escola, adequando-se a uma perspectiva crítica, reflexiva, inclusiva e antirracista.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Infanzia e storia: distruzione dell'esperienza e origine della storia*; 1978). ISBN: 85-7041-459-5.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988*. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 10 out.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: SECAD/MEC, 2015.

BRASIL. *Lei Das Diretrizes E Bases Da Educação Nacional*. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 10 out. 2022

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos : segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série : introdução* / Secretaria de Educação Fundamental, 2002. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/vol2\\_linguaportuguesa.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/vol2_linguaportuguesa.pdf). Acesso em 07 jun.2023.

CRUZ, Berenice Maria de Fátima. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor* / Maria de Fátima Berenice da Cruz. – Salvador: EDUNEB, 2012

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GILLES DELEUZE — L'ÎLE DÉSERTE ET AUTRES TEXTES Textes et Entretiens 1953-1974 Édition préparée par David Lapoujade Les Éditions de Minuit 2002 *A Ilha Deserta e Outros Textos e Entrevistas (1953-1974)* Editora Iluminuras, São Paulo, 2005

Hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

KLEIMAN, Ângela B. *Precisa "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* 2005. Disponível em: <[http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfalettras/biblioteca\\_professor/arquivo/5710.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfalettras/biblioteca_professor/arquivo/5710.pdf)>. Acesso em: 08 mar.2022.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli Elisa D. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2022.

PAULA, Cláudia Regina de; OLIVEIRA, Márcia Cristina de. *Educação de Jovens e Adultos: a educação ao longo da vida*. Curitiba: Ibpex, 2011.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros* / Magda Soares. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.